

3.2 Memórias dos Rios e Ribeiras na Toponímia da cidade de Lisboa

Marluci Menezes [0000-0001-7031-0053], Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC), Lisboa, Portugal, marluci@lnec.pt

Dória Costa [0000-0003-4318-3348], Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC), Lisboa, Portugal, drcosta@lnec.pt

Resumo - A cidade de Lisboa evoluiu numa paisagem de rios e ribeiras, muitos dos quais desaparecidos, outros ocultados, muitos subterrâneos. De certo modo, o registo dessas referências fluviais manteve-se na paisagem construída da cidade enquanto memória urbana, nomeadamente através de referências físicas que as aludem, de entre as quais se destacam as placas com a toponímia da cidade, entre outros elementos associados (por exemplo: painéis, chafarizes, designações de comércio, etc.). O capítulo propõe iniciar a coleta de vestígios dessa manifestação, observando breve e primeiramente um conjunto de designações toponímicas que fazem referência aos cursos de água. Para o efeito, realiza-se um breve enquadramento da memória geológico-fluvial da cidade e, na sequência, comenta-se, também de modo breve, dois importantes contextos com referências fluviais na cidade – Alcântara e Arroios –, entretanto, escondidas do olhar quotidiano. Este capítulo visa introduzir um dos contributos do estudo ainda em curso desenvolvido pela equipa do LNEC no âmbito do Projeto Cytred RUN e que, em síntese, tem por objetivo capturar imaginários geopaisagísticos e memórias relacionadas ao património escondido (alguns desaparecidos) dos cursos de água em meio urbano, contextualizando testemunhos, narrativas, imagens e marcas urbanísticas, alguns dos quais relacionados com a ocorrência de inundações, e que também contribuem para uma memória fluvial.

Palavras-chave - Memória geológica, Lisboa, toponímia, cursos de água, memória urbana.

Resumen - La ciudad de Lisboa evolucionó en un paisaje de ríos y arroyos, muchos de los cuales desaparecieron, otros se ocultaron, muchos bajo tierra. En cierto modo, el registro de estas referencias fluviales quedó en el paisaje cons-

truido de la ciudad como una memoria urbana, es decir, a través de referencias físicas que aluden a ellas, entre las que destacan, entre otros elementos asociados, las placas con la toponimia de la ciudad (ejemplo: paneles, fuentes, nombres comerciales, etc.). El capítulo se propone comenzar la recopilación de huellas de esta manifestación, atendiendo brevemente y en primer lugar a un conjunto de denominaciones toponímicas que hacen referencia a cursos de agua. Para ello, se realiza un breve encuadre de la memoria geológica-fluvial de la ciudad y, en la secuencia, dos contextos importantes con referencias fluviales en la ciudad – Alcântara y Arroios –, sin embargo, ocultos a la vista de la cotidianidad. Este capítulo pretende introducir una de las aportaciones del estudio en curso que lleva a cabo el equipo del LNEC en el marco del Proyecto Cyted RUN y que, en síntesis, pretende capturar imaginarios y memorias geopaisajísticas relacionadas con el patrimonio oculto (algunos desaparecidos) del agua en un entorno urbano, contextualizando testimonios, narrativas, imágenes y marcas urbanas, algunas de las cuales se relacionan con la ocurrencia de inundaciones, y que también contribuyen a una memoria fluvial.

Palabras clave - Memoria geológica, Lisboa, toponimia, cursos de agua, memoria urbana.

1. INTRODUÇÃO

A cidade de Lisboa foi, durante várias décadas, marcada pelo sustento através da abundância da água. Com o seu início, de que a colina do Castelo de São Jorge se destaca, Lisboa foi gradualmente expandindo e crescendo, nunca esquecendo a presença da água como elemento fundamental para a fixação e permanência da população na capital portuguesa. Assim, a disponibilidade e o abastecimento de águas estão na base do desenvolvimento urbano na cidade de Lisboa, sendo de relevância até ao presente. Todavia, a par dos aquíferos subterrâneos, muitos dos rios e ribeiras que corriam a superfície, foram entaipados ou escondidos no processo de conquista de terra que a evolução da cidade exige, tal como sucedeu (e sucede) com tantas outras cidades. Esses rios e ribeiras não visíveis podem, contudo, ser evocados a partir de determinadas marcas urbanísticas, de que aqui se destacam as placas com a toponímia urbana, à semelhança do que acontece noutras cidades. Considerando ainda que onde os habitantes da cidade se abasteciam de água são locais igualmente expressivos para o imaginário social de Lisboa, deste modo também se repercutindo na toponímia, de que resulta a sua relevância em designações como: aqueduto, poço, fonte, chafariz, bica, etc. Repare-se ainda que, “Lisboa, como cidade edificada frente ao Tejo, tem toponomenclatura ligada ao rio nas suas freguesias ribeirinhas: os Cais, os Boqueirões e os Regueirões”¹.

¹ Ver: <https://toponimialisboa.wordpress.com/2017/06/08/toponomenclatura-da-agua-os-cais-os-boqueiroes-e-o-regueirao-de-lisboa/>

Portanto, tendo presente o caso da cidade de Lisboa, o capítulo inicia com um breve enquadramento da memória geológico-fluvial da cidade, apresentando de seguida a coleta que se tem vindo a realizar sobre os vestígios fluviais conforme expressos em marcas urbanísticas, das quais aqui se destaca a sua permanência na toponímia. Observa-se, assim, um conjunto de designações toponímicas que fazem referência aos cursos de água ou a elementos associados, procurando realizar uma primeira localização destas marcas urbanísticas no espaço urbano da cidade, tendo para o efeito brevemente comentado sobre duas designações toponímicas de Lisboa: Alcântara e Arroios.

Lisboa, cidade de contrastes, mas a olhar o rio

O espaço urbano da cidade de Lisboa é marcado pela diversidade e indelevelmente influenciado pela ligação ao estuário do rio Tejo. A cidade, com uma área urbana de cerca de 100 km², desde tempos muito remotos, provavelmente romanos, que é conhecida pelas suas sete colinas, como que uma indicação do seu carácter algo acidentado, mas que constitui uma memória preservada ao longo dos tempos.

Não é certa a origem da identificação com as sete colinas, mas na descrição detalhada do espaço físico da cidade, organização social e atividade, Frey Nicolao D'Oliveira (1620) descreve, com detalhe, o espaço “como se deixa claramente ver de quem vem do mar, que de terra não há lugar de onde se possa ver mais, que quando muito a terceira parte dela”. Indica que, “ficando o meio dela, e o que a propriamente chamamos Cidade situada sobre sete montes muito altos, e de muita distancia entre uns e outros, e os ocupa todos, são só nos altos deles, mas em todas as suas fraldas, e raízes, e vales”. Do oriente para ocidente faz a descrição ao pormenor dos “montes” e vales, forma e localização, mas com a indicação das freguesias que cada unidade inclui, desde o de São Vicente de fora (o primeiro), o segundo encostado ao primeiro, o terceiro (“que é o mais alto de todos em que está um fortissimo Castelo”) e sucessivamente até ao “o monte de Santa Catarina de monte Sinay. Que é o sétimo, o qual se estende em muy grande espaço e fenece em um pequeno vale junto à Esperança, onde se acaba a principal parte do arrabalde da Cidade”. Nesta aturada descrição há muitas referências a vales, mas não foi possível encontrar referência à existência de cursos fluviais de qualquer dimensão. Uma observação atenta destes acidentes e da sua localização bem junto ao núcleo mais antigo da cidade permite constatar que se trata de relevos muito modestos, mas que contrastam com as características gerais deste espaço urbano, marcado por valores de cotas que anunciam a proximidade do estuário do Rio Tejo (Figura 1 e Figura 2) e, a uma curta distância, o Oceano Atlântico.



Figura 1: O estuário do rio Tejo em interação com o espaço urbano da cidade de Lisboa.
 Fonte: Representação elaborada Dória Costa com recurso ao visualizador de mapas, Geoportal, LNEG (<https://geoportal.lneg.pt/>).

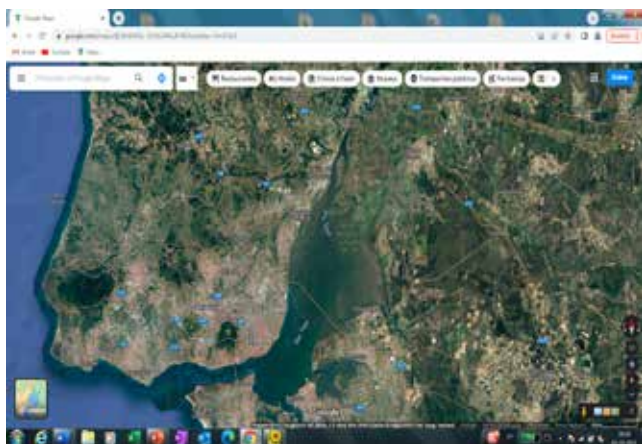


Figura 2: O rio Tejo e o seu estuário: a proximidade do Oceano Atlântico.
 Fonte: imagem Google.

Se o número das colinas não se restringe a sete, é questionável a utilização desta insistência, provavelmente associada ao *número mágico* e à semelhança do que acontece com outras cidades com que compara (lembre-se as *sete colinas de Roma*) e das respetivas lendas que as correiam. Ainda assim, estes elementos mais elevados da cidade permitem a observação geral do espaço urbano a perder de vista e agora, tal como em tempos mais recuados e antigos, são marcos simbólicos de uma identidade urbana de exceção. Muitos outros pontos têm cotas elevadas, por vezes até mais elevadas do que as “colinas históricas”, como é o caso da Penha de França (Figura 3, identificada por “8”), por exemplo, um pouco mais distante do núcleo antigo. Fora da zona histórica, os pontos

de relevo mais acentuado (da ordem dos 200 m de altitude) correspondem à serra de Monsanto localizada a oeste da cidade. Este relevo está limitado pelas ribeiras de Algués (oeste) e de Alcântara (a norte e a leste) e a sul pelo estuário do rio Tejo.

Na verdade, as colinas deixam também perceber a existência de cursos de um sistema fluvial complexo que caracteriza toda a zona de bordadura junto ao Tejo, com locais de grande proximidade onde a topografia regista um vale único (Figura 3b), mas também outros em que o relevo é mais complexo (Figura 3c).

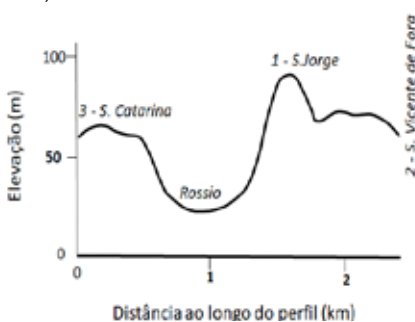
O encaixe do sistema fluvial é indissociável das formações geológicas que lhe servem de leito, mas, sobretudo, das características tectónicas desta zona e da sua evolução através dos tempos, neste caso, à escala geológica. Neste espaço geográfico tão restrito, o registo geológico é diverso e testemunha uma evolução de parte de uma bacia sedimentar desde o final do Mesozoico, mais tarde sob a influência da implantação da bacia Tejo – Sado, até ao Quaternário, e de alguma forma afetada pelo acidente tectónico ao longo do vale do Tejo (Pais et al., 2006).



a) Colinas: 1 - S. Jorge; 2 - S. Vicente de Fora; 3 - Santa Catarina;
4 - S. Roque; 5 - Sto. André; 6 - Chagas; 7 - Sant'Ana.



b) Perfil de S. Catarina a S. Vicente de Fora



c) Perfil de S. Roque a S. Vicente de Fora

Figura 3: O espaço urbano da cidade de Lisboa e as suas colinas. Vales entre colinas. Representações elaboradas por Dória Costa com recurso ao visualizador de mapas, Geoportal, LNEG (<https://geoportal.lneg.pt/>).

Na zona da cidade (Figura 4) as formações geológicas mais antigas que afloram são do Cretácico e demonstram a existência de uma plataforma carbonatada que nos proporcionou uma variedade de rocha símbolo da cidade – “o calcário de Lioz”. Posteriormente, este local foi também palco de manifestações de vulcanismo que, embora nos rodeiem todos os dias, passam geralmente muito incógnitos. Desses tempos (cerca de 72 MA), são testemunhos as rochas do “manto basáltico de Lisboa”, igualmente de grande simbolismo na evolução geológica deste espaço nesse período de tempo. O início da Cenozoico está marcado pela presença de formações continentais algo peculiares (identificadas na Figura 4 por “3”) e de ocorrência restrita. Em grande parte da área urbana estão bem representadas formações detríticas diversas que percorrem todo o Miocénico (identificadas por “4- M1”, “5- M2”, “6- M3”) e testemunham processos, ora regressivos ora transgressivos, de alteração do nível do mar, num registo de memória geológica que importa reter. Os depósitos mais recentes (“6”), registos da fase mais tardia da evolução da bacia do Tejo, assumem frequentemente carácter aluvionar, mas a sua distribuição e forma são particularmente informativa da sua génese associada a percursos fluviais ou dos locais de cotas mais reduzidas que bordejam o espaço urbano junto ao rio, já lhe conquistado. O contraste de rochas mais resistentes e mais brandas aliado à deformação e sobretudo à existência de sistemas de falhas (algumas representadas na Figura 4) são também responsáveis pelas características físicas do terreno original que a ocupação humana pode usufruir.

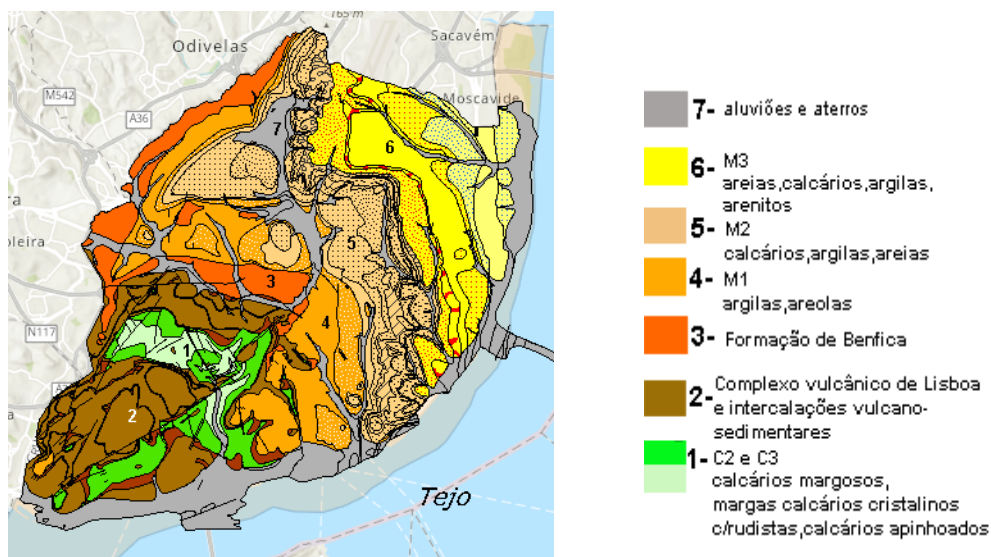


Figura 4: Geoloia (simplificada) da cidade de Lisboa. Representações elaboradas por Dória Costa com recurso ao visualizador de mapas, Geoportal, LNEG (<https://geoportal.lneg.pt/>).

No espaço urbano, a ocupação progressiva deste espaço e desde o Tejo para as zonas mais interiores vai destruindo o que naturalmente se formou e, atualmente, a presença e os sinais da evolução do sistema fluvial apenas podem ser detalhados na orografia (Figura 5), onde se tornam particularmente evidentes os inúmeros vales encaixados. A paisagem, por vezes descrita como incluindo zonas de *planalto*, áreas acidentadas e a *frente ribeirinha* (Oliveira e Ramos, 2002), inclui zonas de declive variável, geralmente inferiores a 10° são determinantes no escoamento das águas e muito relevantes nos episódios de inundação que episodicamente assolam a área.

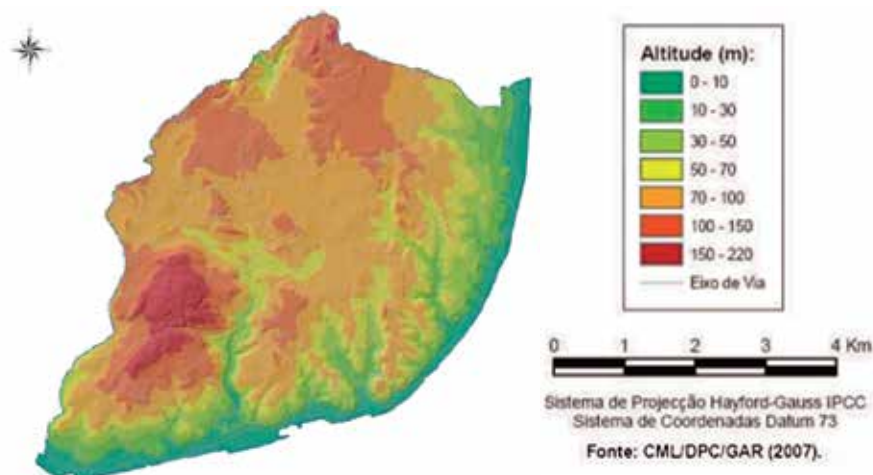


Figura 5: Mapa hipsométrico da cidade de Lisboa. Fonte: C.M.L (2010)².

A existência de água em abundância foi um marco de fixação das populações. Neste espaço urbano, a rede de cursos de água originou uma complexa estrutura de bacias hidrográficas, em geral de pequena dimensão, de entre as quais se destaca a de Alcântara (Figura 6). Para além disso, não será de esquecer pontos associados à existência de águas subterrâneas³ que, embora excluídos desta representação, têm repercussão na memória da cidade. Portanto, a hidrografia que se reflete no espaço do urbano de Lisboa identifica: uma rede de drenagem complexa, em particular na zona periférica de menores cotas, junto ao Rio Tejo; uma zona de ocupação densa; uma zona impermeável; cursos de água invisíveis de escoamento natural ocupados.

² Sobre este assunto, é relevante consultar: Oliveira, P.E.; Ramos, C. (2002). Inundações na cidade de Lisboa durante o século XX e seus fatores agravantes. Fonte: Finisterra, XXXVII, 74, 2002, pp. 33-54.

³ A água subterrânea desempenha um papel fundamental na cidade de Lisboa já desde os tempos da ocupação Romana, captada em poços, minas e nascentes. Na Idade Média, a população abastecia-se essencialmente a partir da água subterrânea existente no bairro de Alfama. Estas redes subterrâneas desaguvam em diversos locais e, tendo presente a importância da colina do Castelo de São Jorge, no início da ocupação da cidade, é de salientar a importância das nascentes hidrotermais no bairro de Alfama e nas minas de Mouraria (Ribeiro, 2018). Por exemplo, o bairro de Alfama é associado às suas águas termais – com uma temperatura superior a 20°C – vindas das nascentes, que deram origem às Alcaçarias. Estas águas “possibilitaram a existência de condições para, no final do século XIX, serem qualificadas como “águas minero-medicinais” pela então Inspeção de águas” (Ramalho e Lourenço, 2006: 1). A sua utilização mais expressiva deu-se com a construção de balneários públicos, bem como através uma nascente de captação de água, situada no Largo das Alcaçarias.

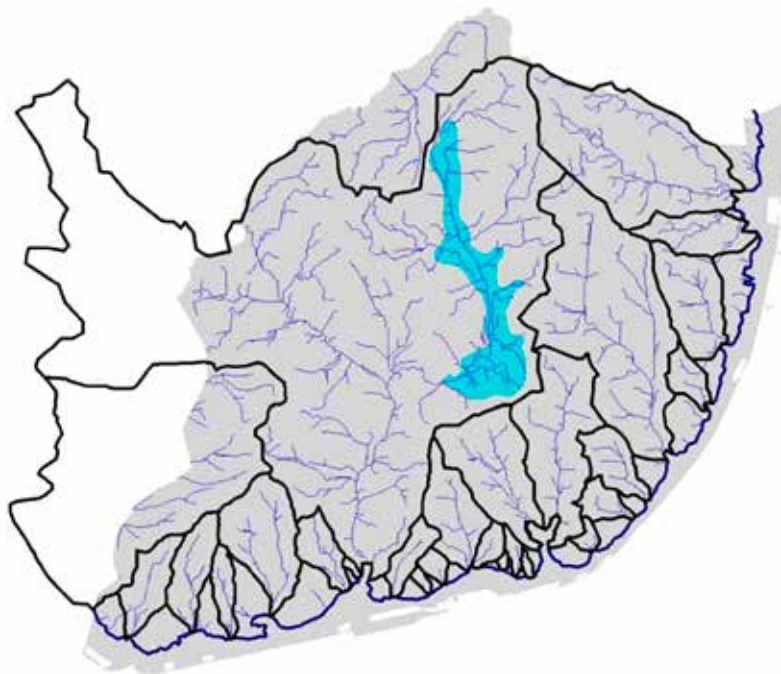


Figura 6: Bacias hidrográficas de Lisboa. Fonte: C.M.L. (2010).

2. OS CURSOS DE ÁGUA QUE FICARAM NA TOPONÍMIA DA CIDADE

Um primeiro levantamento sobre as designações dos sítios e locais, e respetivas marcas urbanísticas da cidade que, de algum modo, fazem referência aos cursos de água, dão registo das situações em que a sua manifestação a céu aberto foi encoberta ao longo da evolução da cidade e obriga ao confronto com a rica manifestação na toponímia de Lisboa. Pelo que, a partir de uma pesquisa iniciática no site da toponímia da cidade da Câmara Municipal de Lisboa (CML) (<https://revelar.lisboa.pt/explorar/toponimia>), entretanto principiada pela pesquisa ao termo «água», num primeiro levantamento, se detetou um conjunto variado de referência toponímica que aludem à cursos de água ou às referências mais genéricas à expressão “água” (ou elemento afim), muitos dos quais desaparecidos e/ou ocultados. O quadro que se segue apresenta o resultado desse primeiro levantamento e que permitiu detetar 63 referências toponímicas que direta ou mais indiretamente estão relacionadas aos cursos de água. As referências encontradas são apresentadas conforme a sua distribuição em 16 Freguesias⁴ da cidade.

⁴Lisboa está, desde 2012, administrativamente organizada em 24 freguesias que são órgãos de gestão autárquica da cidade. Anteriormente a cidade dividia-se em 53 freguesias.

Quadro I – Toponímia com referência ao elemento água
e cursos de água na cidade de Lisboa

Designação da Junta de Freguesia	Referências toponímicas
Ajuda	Rua da Bica do Marquês Travessa do Chafariz
Alcântara	Beco das Fontainhas Largo da Ponte Nova Largo do Rio Seco Rua da Cruz a Alcântara Rua de Alcântara Travessa de Alcântara Travessa do Sacramento a Alcântara
Alvalade	Largo do Pote de Água Travessa do Pote de Água
Arroios	Calçada de Arroios Regueirão dos Anjos Rua de Arroios Travessa das Amoreiras a Arroios Travessa das Freiras a Arroios
Belém	Travessa do Forte da Areia Travessa dos Escaleres Rua do Cais da Alfândega Velha
Benfica	Travessa do Rio
Campo de Ourique	Praça das Águas Livres
Campolide	Rua do Aqueduto das Águas Livres
Carnide	Azinhaga da Fonte Rua da Fonte
Estrela	Rua do Arco do Chafariz das Terras Rua do Arco a Alcântara Travessa do Chafariz das Terras Rua do Cais de Alcântara
Misericórdia	Calçada da Bica Grande Calçada da Bica Pequena Boqueirão do Duro Boqueirão dos Ferreiros Praça da Ribeira (ou Ribeira Nova) Cais do Sodré Rua da Bica Duarte Belo Rua da Mãe D'Água Rua de São Pedro de Alcântara Rua do Cais do Tojo Travessa da Bica Grande Travessa da Ribeira Nova Travessa do Cais do Tojo Travessa da Condessa do Rio
Parque das Nações	Cais das Naus Cais do Olival Cais Português Cais dos Argonautas Jardins Ribeirinhos Largo das Bicas Passeio do Trancão Travessa do Poço
Santa Clara	Azinhaga do Rio Calçada do Poço Estrada do Poço de Baixo

Santa Maria Maior	Avenida da Ribeira das Naus Boqueirão da Ponte da Lama Boqueirão da Praia da Galé Cais da Lingueta Largo do Chafariz de Dentro Travessa das Fontainhas Rua do Cais de Santarém
Santo António	Rua da Mãe D'Água
São Domingos de Benfica	Bairro Novo (à Travessa das Águas Boas) Sete Rios

Na sequência, procurou-se assinalar as principais referências toponímicas encontradas com relação ao elemento água ou aos cursos de água da cidade no mapa de Lisboa (ver Figura 7), a partir de uma representação cartográfica que as ilustrasse, respondendo apenas ao objetivo de visualizar a representatividade destas referências no mapa da cidade.

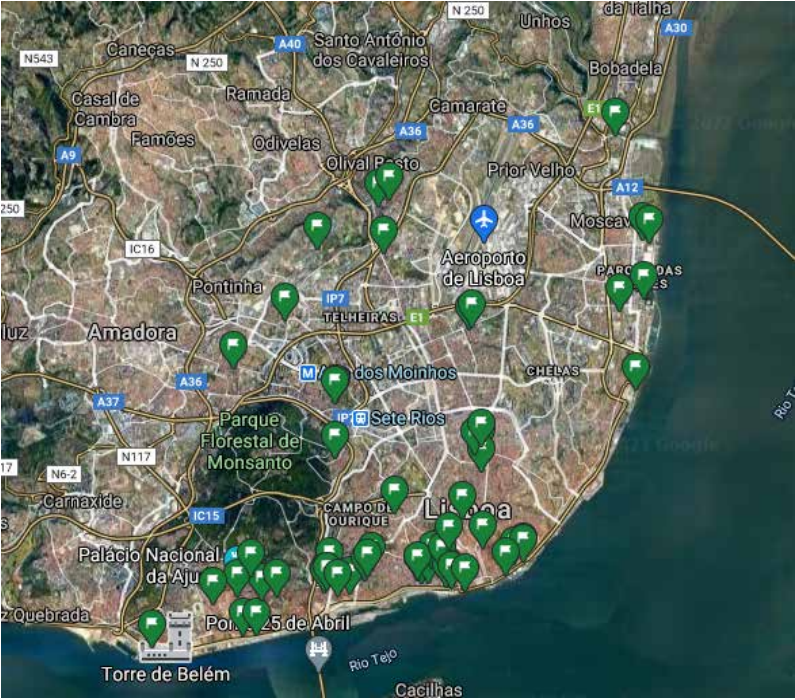


Figura 7: Espacialização das principais referências toponímicas de Lisboa com alusão ao elemento água.

Fonte: Mapa elaborado a partir do Google Maps. Fonte: Mendes (2021: 12).

A partir deste primeiro levantamento toponímico, deu-se início a realização de percursos caminhados pelas ruas, travessas, escadarias (etc.) de Lisboa para, pouco a pouco, ir identificando e fotografando as marcas que os cursos de água deixaram na cidade construída ao longo do tempo.

3. MEMÓRIAS DE ALCÂNTARA E ARROIOS

A lista das marcas urbano-toponímicas associadas aos cursos de água na cidade de Lisboa é extensa. Exemplos incontornáveis são os casos de “alcântara” e “arroios”. Os restantes topónimos serão considerados em trabalho futuro.

Alcântara

A ribeira que lhe dá o nome assume várias designações ao longo do curso (ribeira da Fala-gueira, de Benfica) mas a parte central e terminal, atualmente canalizada após a importante intervenção levada a cabo nos anos 40 do século passado está, como sempre esteve, estreitamente relacionada com a cidade, apesar de agora ser uma estrutura subterrânea. Alcântara (al-qantara) é designação remota, dos tempos árabes em que a ponte lhe deu o nome (Vieira da Silva, 1942; Castelo-Branco, 1986). Para além da ribeira, atualmente o termo, no uso e na memória dos habitantes da cidade, tem vários significados. Aplica-se não só ao lugar e a vias e viaduto, mas também está associado a tempos em que, fora de portas, de um e outro lado da ponte, se defrontavam exércitos na expectativa (gorada) de nos manter longe do domínio de Castela (Batalha de Alcântara, 1580).

Na memória restam-nos as representações, algumas questionavelmente realistas, deste espaço claramente fora de portas, que chegaram aos nossos dias. Tal é o caso das representações desta zona no painel de azulejo (Figura 8a) em que a ribeira de Alcântara e a sua ponte se podem identificar, ou da ponte no que terá sido uma das últimas versões antes do seu desaparecimento (Figura 8b). Sabe-se da inquestionável ligação ao Aqueduto (Figura 8c) que tem na travessia do vale o seu segmento mais imponente e arriscado como obra de engenharia face à época, ilustrado desde o início em numerosos documentos que chegaram aos nossos dias, até à configuração atual em que o vale de Alcântara se encontra “ocupado” por importantes vias rodoviárias que todos os dias cruzamos, mas que estão definitivamente fora do alcance da vista (Figura 8d) após a obra de o encanamento da ribeira.



a) Representação da zona da ribeira de Alcântara. Setor do *Panorama de Lisboa*; Gabriel Del Barco (atribuição), 1700. Museu Nacional do Azulejo. Fonte: imagem do painel em <https://lisboaemazulejo.fcsh.unl.pt/>



c) Aqueduto e ribeira de Alcântara. Fonte: Castelo-Branco, F. (1986).



b) A ponte d'Álcântara.
Desenho de Nogueira da Silva
em *Arquivo Pitoresco* (1862).



d) Obras de cobertura da ribeira de Alcântara. Fonte:
"Exposição água vai", C.M.L. (2019).

Figura 8: Memórias da ribeira e da ponte de *Alcântara*

Sobre o vale foram instaladas vias de comunicação viária e ferroviária que marcam decisivamente o espaço na atualidade. O traçado das vias não deixa grandes dúvidas sobre a sua origem, mas a vida vertiginosa dos tempos modernos encarregou-se de apagar da memória coletiva desse início.

336



Figura 9: Memórias da ribeira e da ponte de *Alcântara* (2021). Observação do contexto desde o Aqueduto das Águas Livres. Fonte: Dória Costa.

"Alcântara" está também registada na toponímia da cidade (Figura 10). Resta saber qual a representação do topónimo na memória coletiva e a associação à ribeira (mais provável) ou à antiga ponte que lhe deu origem (sem dúvida muito mais improvável).



Figura 10: Marcas do curso d'água de Alcântara na cidade de hoje (2022).

Fonte: fotos e montagem da autoria de Dória Costa.

337

Arroios

De modo simples, em termos geográficos, a designação “arroios” faz referência aos cursos d'água de pequeno porte, equivalentes ao regato ou também à ribeira, podendo os mesmos serem ou não permanentes. Em Lisboa, a expressão «arroios» dá nome a uma das divisões administrativas da cidade, ou seja, na atualidade designa uma Junta de Freguesia. Pelo que, tal como referido no enquadramento da história da Junta de Freguesia de Arroios: “O nome *Arroios* evoca esses cursos de água que por aqui existiram e que sobrevivem ainda nos topónimos dos arruamentos da freguesia”⁵. Presentemente, e na verdade desde há muito que, mercê da intervenção no espaço urbano nas zonas de influência do sistema fluvial, as ações têm conduzido à ocupação dos leitos e respetivos leitos de cheia, obras de regularização dos cursos, numa tentativa de convivência por vezes pouco pacífica, logo acordada por fenómenos que obrigam a reatar os percursos ancestrais. Na memória da cidade são bem conhecidos os relatos de salubridade que quase sempre estiveram associados aos cursos de água e que justificaram muitas das intervenções. Contudo, a toponímia tem ainda alguns vestígios, como se poderá verificar na Figura 11, a par do traçado físico que agora a rua descreve em substituição do rio.

⁵Ver em: <https://jfarroios.pt/a-freguesia/historia/>



Figura 11: A rua de Arroios, no presente (2022).
 Fonte: fotos e montagem da autoria de Dória Costa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Olhando em específico para o caso da cidade de Lisboa, este capítulo propôs apresentar os resultados preliminares de um estudo sobre as marcas que os cursos urbanos d'água não visíveis (desaparecidos ou escondidos) deixaram nas ruas da cidade. Designações como o termo “alcântara”, “arroios”, “sete rios”, “alfama” (...), são exemplos de termos herdados com história associada, por vezes durante séculos, a segmentos importantes do sistema fluvial, da sua evolução no espaço urbano da cidade, fruto da intervenção humana que sobre ele se exerceu.

O objetivo futuro é, por um lado, investir na criação de uma base de dados com esta informação e, por outro lado, utilizá-la para pensar eixos recomendativos que possam sustentar e/ou orientar iniciativas que visem uma sensibilização mais alargada sobre a paisagem fluvial da cidade, recuperando-a para o imaginário social e urbano, procurando deste modo contribuir para com o reconhecimento da importância dos rios e ribeiras urbanas nas nossas vidas (Menezes, 2021).

Os vestígios da relação da cidade-Lisboa com o rio (e suas ribeiras) existem um pouco por todo o lado e têm expressão muito diversa e, por vezes, a par do grande impacto na memória da cidade, esta tende a desvanecer-se como tempo. Na verdade, ambiciona-se perspetivar o papel da memória enquanto um potencial recurso para incrementar a conexão das pessoas com os rios urbanos⁶. Isto é, considerando que a memória infere uma constante procura de significados, o presente trabalho assinala, em modo introdutório, um dos contributos de um dos estudos realizados no âmbito do Projeto Cyted RUN e que, neste caso, investiga o papel da memória na reconstrução de imaginários urbanos associados aos cursos de água.

⁶Sobre a temática da relação entre memória, sociedade e rios urbanos, uma reflexão mais aprofundada consta neste livro em capítulo intitulado “O papel da memória na recuperação (imaginária) da paisagem fluvial urbana”.

5. BIBLIOGRAFIA

- C.M.L. (2010). Relatório síntese de Caracterização Biofísica de Lisboa - Revisão do Plano Director Municipal (PDM) de Lisboa. Lisboa. Disponível em: <https://docplayer.com.br/15529762-Relatorio-sintese-de-caracterizacao-biofisica-de-lisboa.html>. Acesso em 2022/06/08.
- C.M.L. (2019). Exposição ÁguaVai. <https://www.lisboa.pt/exposicao-agua-vai>. Acesso em 2022/06/08.
- Castelo-Branco, F. (1986). A Ribeira de Alcântara. De Benfica a Campolide. Revista Municipal da Câmara Municipal de Lisboa n.º 15, 1.º Trimestre.
- D'Oliveira, Frey Nicolao (1620). Livro das Grandezas de Lisboa.
- Mendes, B. (2021). RUN – Rios urbanos naturalizados. Relatório de estágio. Lisboa: LNEC.
- Menezes, M. (2021). (Re)curtos ambientais escondidos (uns perdidos) e o que flui no imaginário de Lisboa: aproximações com a ciência cidadã. In Lopes, M S. B.; Bragança, L. S. (Eds.) *Natureza Política: Rupturas, Aproximações e Figurações Possíveis*. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura-Universidade Federal de Minas Gerais, pp.209-223. ISBN 978-65-87808-31-4. <http://naturezapolitica.indisciplinar.com/wp-content/uploads/2021/12/e-book-natureza-politica.pdf>
- Oliveira, P.E; Ramos, C. (2002). Inundações na cidade de Lisboa durante o século XX e seus fatores agravantes. *Finisterra*, XXXVII, 74, pp. 33-54.
- Pais, J.; Moniz, C.; Cabral, J.; Cardoso, L.; Legoinha, P.; Machado, S.; Morais, M. A; Lourenço, C.; Ribeiro, M. L.; Henriques, P.; Falé P. (2006). Carta geológica de Lisboa. Notícia explicativa da folha 34-D Lisboa 1/50 000. Instituto Nacional de Engenharia, Tecnologia e Inovação.
- Ribeiro, Luís (2018). As Águas (In)Visíveis da colina do Castelo de São Jorge. Conferência História e Culturas da Água. Lisboa: Roca e APOM - Associação Portuguesa de Museologia.